



EPISTEMOLOGIA E METODOLOGIA DA PESQUISA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS 2

Aline Ferreira Antunes
(Organizadora)





EPISTEMOLOGIA E METODOLOGIA DA PESQUISA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS 2

Aline Ferreira Antunes
(Organizadora)



Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobbon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Epistemologia e metodologia da pesquisa interdisciplinar em ciências humanas 2

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: David Emanuel Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Aline Ferreira Antunes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E64 Epistemologia e metodologia da pesquisa interdisciplinar em ciências humanas 2 / Organizadora Aline Ferreira Antunes. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-852-6

DOI 10.22533/at.ed.526210803

1. Epistemologia. 2. Ciências Humanas. I. Antunes, Aline Ferreira (Organizadora). II. Título.

CDD 121

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

A obra apresenta pesquisas em andamento e concluídas em diversas regiões do Brasil, como Bahia, Rio de Janeiro, Pernambuco, Roraima, Amazonas e São Paulo, além de uma pesquisa em Córdoba, trazendo amplas discussões sobre os mais diversos temas: educação, geografia agrária, gênero, saúde, higiene, moda, direito e religião.

O segundo volume traz pesquisas principalmente nas áreas de educação, gênero e religião. Do capítulo 1 ao 7 temos textos que discutem a educação brasileira em diversos aspectos: a alfabetização não escolar (Capítulo 1), o papel do coordenador pedagógico na educação infantil (Capítulo 2), as políticas de expansões das Instituições de Ensino Superior (IFEs) no capítulo 3.

Os capítulos 7 e 8 fazem a ligação deste tema com pesquisas dedicadas à temática gênero, trazendo discussões sobre uma educação voltada à sexualidade e de uma educação inclusiva a partir da problematização do conceito de gênero.

O capítulo 9 é dedicado ao estudo da presença feminina nas Forças Armadas. Temos também um capítulo dedicado à abordagem da construção da identidade profissional de gestoras (capítulo 10), a saúde de mulheres lésbicas e bissexuais inviabilizadas na medicina (Capítulo 11). O capítulo 12 por sua vez traça uma historicidade da homossexualidade desde a pré-história problematizando as interpretações a respeito do termo.

Do capítulo 13 em diante temos discussões mais próximas da religião com pesquisas que problematizam o gênero e a religião como marcadores históricos (Capítulo 13), o aconselhamento pré-nupcial (Capítulo 14), a iconoclastia da religião ocidental a partir de Gilbert Durant (Capítulo 15) e a educação cristã segundo a *Divini Illius Magistri* (Capítulo 16).

O volume II da obra “Epistemologia e Metodologia da Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas 2” conclui com um capítulo de autoria de Ana Paula Dias e Isamara Freire a respeito da modelagem contemporânea e as técnicas de tricô a partir de lã reciclada e fios 100% de lã voltadas ao vestuário feminino.

O terceiro volume é dedicado a temas mais diversificados, trazendo pesquisas nas áreas de ciências agrárias e geografia, história (patrimônio, urbano) e saúde (corpolatria, enfermagem, medicina).

O primeiro capítulo dedica-se a explorar as políticas públicas na agricultura camponesa, já o segundo trata da recamponização no Vale do Jauri. Também encontramos um capítulo dedicado à explorar o cultivo monocultural (plantio de uma só cultura) transgênica, fundamentado nas discussões de Capra e Morin.

O capítulo 4 por sua vez, de autoria de Rogério da Silveira, aborda novos métodos de pensar a gestão metropolitana. Em seguida temos uma discussão sobre interdisciplinaridade no campo da economia política a partir da epistemologia da palavra.

O capítulo 6 demonstra o compromisso da Atena Editora em estabelecer relações internacionais, um texto em língua estrangeira (espanhol) dedicado à exploração da fronteira interétnica no sul de Córdoba, dos autores argentinos Ernesto Olmedo e Marcela Tamagnini.

O capítulo 7, Tensões entre governo e terceiro setor no Brasil - uma análise do discurso midiático aborda as políticas públicas que envolvem o 3º setor.

O oitavo capítulo do livro dedica-se ao estudo da integração da América do Sul e o meio ambiente na região amazônica por meio de um método qualitativo bibliográfico-documental para analisar as construções das usinas hidrelétricas de Santo Antônio e Jirau no Rio Madeira, em Roraima.

Os capítulos 9 a 11 abordam discussões sobre a preservação do espaço urbano, um versa sobre o edifício Caiçara em Recife, outro trata dos jardins românticos do início do século passado na cidade de Vitória, especificamente o parque Moscoso e a praça João Clímaco e o último retrata a paisagem urbana nas construções do entorno da Escola Técnica de São Paulo.

O capítulo 12 e 13 tratam de pesquisas desenvolvidas no Rio de Janeiro, porém com recortes temporais e espaciais diferentes. Enquanto um trata de uma pesquisa sobre as tradições medicinais da comunidade quilombola de Cruzeiroinho (Rio de Janeiro), outra trata da higiene pública na cidade de Rio de Janeiro à época do Império, por meio de uma pesquisa histórico documental.

Os capítulos seguinte investigam questões relacionadas à saúde. Em “Os riscos ergonômicos no cotidiano das equipes de enfermagem” e “Resistência emocional e empoderamento no salvar vidas: experiências de um enfermeiro emergencista no SAMU”, podemos ler pesquisas que problematizam e relatam a importância da enfermagem, capítulos altamente atrelados ao atual momento de enfrentamento à pandemia causada pelo COVID-19.

O penúltimo capítulo da obra trata dos padrões de beleza reforçados pelas mídias digitais com foco nos conceitos de Corpolatria e refletindo sobre as Histórias em Quadrinhos (HQs) da Turma da Mônica e as representações do corpo nesta mídia específica.

O último capítulo da obra trata da surdez unilateral trazendo embasamentos jurídicos sobre o assunto.

Aline Ferreira Antunes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

NARRATIVAS DE MIGRANTES: EXPERIÊNCIA DE ALFABETIZAÇÃO “NÃO ESCOLAR”

Zulmira Ferreira de Jesus Cacemiro

Valdilene Zanette Nunes

DOI 10.22533/at.ed.5262108031

CAPÍTULO 2..... 18

UMA ABORDAGEM DO PAPEL DO COORDENADOR PEDAGÓGICO E SUAS ATRIBUIÇÕES NO CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Suely Cristina Soares da Gama

Kleide Ferreira de Jesus

DOI 10.22533/at.ed.5262108032

CAPÍTULO 3..... 33

A ATUAÇÃO DA BUROCRACIA DE MÉDIO DE ESCALÃO NA CONSECUÇÃO DA IMPLEMENTAÇÃO POLÍTICA DE EXPANSÃO DAS IFES NO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

Andreza dos Santos Sousa

DOI 10.22533/at.ed.5262108033

CAPÍTULO 4..... 56

CBAI E OS AGENTES DO ENSINO INDUSTRIAL (1946 A 1963)

Nívea Maria Teixeira Ramos

José Geraldo Pedrosa

DOI 10.22533/at.ed.5262108034

CAPÍTULO 5..... 69

COMPARTILHAMENTO DO CONHECIMENTO: INTRODUÇÃO METODOLÓGICA

Adelcio Machado dos Santos

Rubens Luís Freiberger

Daniel Tenconi

Danielle Martins Leffer

Alisson André Escher

DOI 10.22533/at.ed.5262108035

CAPÍTULO 6..... 77

DA DOCILIZAÇÃO À MIMESE: AS INICIATIVAS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL COMO MECANISMOS DE ADAPTAÇÃO À CONCEPÇÃO NEUROLÓGICA DA MODERNIDADE À ECONOMIA 4.0

José Rodrigo Paprotzki Veloso

DOI 10.22533/at.ed.5262108036

CAPÍTULO 7..... 90

EDUCAÇÃO PARA SEXUALIDADE NA ESCOLA: A CONSTRUÇÃO DO PROCESSO DIÁLOGICO E A PRODUÇÃO DE SENTIDOS SUBJETIVOS

Pedro Raimundo Mathias de Miranda

José Moysés Alves

DOI 10.22533/at.ed.5262108037

CAPÍTULO 8..... 101

“COISA DE MENINO, COISA DE MENINA”: O PAPEL DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA COMPREENSÃO DAS RELAÇÕES DE GÊNERO COMO BASE PARA UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Fábio Peron Carballo

DOI 10.22533/at.ed.5262108038

CAPÍTULO 9..... 116

MULHERES, FORÇAS ARMADAS E GÊNERO: BREVES NOTAS SOBRE POTENCIALIDADES E DESAFIOS

Rafael Normando Miranda Morais

André Luiz Machado das Neves

Juliana Maria Duarte Marques

DOI 10.22533/at.ed.5262108039

CAPÍTULO 10..... 131

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL: ESTUDO COM GESTORAS DAS GERAÇÕES *BABY BOOMERS*, X E Y

Marlene Catarina de Oliveiras Lopes Melo

Vilma Santos Pereira de Faria

Ana Lúcia Magri Lopes

DOI 10.22533/at.ed.52621080310

CAPÍTULO 11..... 149

A SEXUALIDADE DE CORPOS INVISIBILIZADOS PELAS REPRESENTAÇÕES MÉDICAS: COMO PROMOVER A SAÚDE DE MULHERES LÉSBICAS E BISSEXUAIS DIANTE DESSE CONTEXTO?

Beatriz Silva Matos

Luana Ferreira Botelho

Preciliana Barreto de Moraes

Rosendo Freitas de Amorim

Amanda Sousa Felix

Breno Igor Medeiros Freitas

Bruna Maria Costa Gomes

Luany de Queiroz da Silva

Antônio Fábio Macedo de Sousa

Clara da Silva Soares

DOI 10.22533/at.ed.52621080311

CAPÍTULO 12..... 159

HOMOSSEXUALIDADE: DAS RAÍZES PRÉ-HISTÓRICAS ÀS NOVAS LUTAS IDENTITÁRIAS DE RECONHECIMENTO

Lucas Ramos Ruas

Maria de Fátima Araújo Di Gregório

DOI 10.22533/at.ed.52621080312

CAPÍTULO 13	166
RELIGIÃO E GÊNERO: UM BREVE RELATO DA RELAÇÃO ENTRE ESTES MARCADORES NA HISTÓRIA	
Ana Margareth Manique de Melo	
DOI 10.22533/at.ed.52621080313	
CAPÍTULO 14	177
ACONSELHAMENTO PRÉ-NUPCIAL: UMA PROPOSTA PASTORAL SOB O PONTO DE VISTA DA MORAL ÉTICA E DOS DIREITOS HUMANOS	
Samuel Sanches	
DOI 10.22533/at.ed.52621080314	
CAPÍTULO 15	184
A ICONOCLASTIA DA RELIGIÃO OCIDENTAL: UM PARADOXO DO IMAGINÁRIO SEGUNDO GILBERT DURAND	
Carlos André Macêdo Cavalcanti	
José Herculano Filho	
DOI 10.22533/at.ed.52621080315	
CAPÍTULO 16	192
A EDUCAÇÃO CRISTÃ SEGUNDO A ENCÍCLICA <i>DIVINI ILLIUS MAGISTRI</i>	
Maximiliano Gonçalves da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.52621080316	
CAPÍTULO 17	205
CORRELAÇÕES ENTRE MODELAGEM CONTEMPORÂNEA E AS TÉCNICAS DE TRICÔ PARA O VESTUÁRIO FEMININO	
Ana Paula Dias	
Isamara Freire	
DOI 10.22533/at.ed.52621080317	
SOBRE A ORGANIZADORA	215
ÍNDICE REMISSIVO	216

RELIGIÃO E GÊNERO: UM BREVE RELATO DA RELAÇÃO ENTRE ESTES MARCADORES NA HISTÓRIA

Data de aceite: 01/03/2021

Ana Margareth Manique de Melo

Mestra em Ciências da Religião

RESUMO: Este artigo teve como interesse estudar diferentes entendimentos sobre os marcadores gênero e religião. Buscou seus entrelaçamentos, não apenas como referenciais para a convivência social, mas, principalmente, como possíveis relações desenvolvidas, a partir deles, na construção da singularidade de cada ser humano. Com o objetivo de analisar e confrontar alguns pontos de vista, necessário se fez desenvolver interface com pensadores de diferentes campos de estudo, com o intuito de contribuir para o desenvolvimento do ser humano. A realização deste artigo se deu através do método de pesquisa bibliográfica. Como se dá a relação entre gênero e religião? Na construção e articulação dos marcadores, constatou-se a escassez de pesquisas que se tangenciassem. Constatou-se existência de discriminação e exclusão por parte de religião e de religiosos cristãos às pessoas LGBTTIs. Embora protestantes e católicos tenham quase sempre a mesma postura, as motivações e justificativas são diferentes. O movimento feminista é apontado, por alguns estudiosos, como aquele de suma importância para que alguns paradigmas que davam suporte a esses comportamentos de exclusão fossem rejeitados. Porém, dentro do próprio movimento há pontos

de vista divergentes. Boa parte dos estudiosos do fenômeno de exclusão sofrido por pessoas LGBTTIs, praticado por religiosos, entendem que isto é uma forma de manutenção do patriarcado e da heteronormatividade como sistema de poder. Em outro polo, existem aqueles que descrevem uma espécie de cegueira existente em alguns membros do movimento feminista, ao negarem a relevância da religião para o empoderamento e libertação das mulheres religiosas.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero, religião, empoderamento.

ABSTRACT: This article had as interest to study different understandings about markers gender and religion. He sought their entanglements, not only as references for social coexistence, but, mainly, as possible relationships developed, from them, in the construction of the singularity of each human being. In order to analyze and confront some points of view, it was necessary to develop an interface with thinkers from different fields of study, with the aim of contributing to the development of the human being. The accomplishment of this article occurred through the method of bibliographic research. During the search for material for the construction and articulation of the markers, the shortage of researches that somehow became tangential. However, it was possible to acknowledge the existence of discrimination and exclusion on the part of religion and Christian religious to LGBTTIs people. Although Protestants and Catholics almost always have the same attitude, the motivations and justifications are not the same. The feminist movement is pointed out, by some

scholars, as the one of paramount importance so that some paradigms that gave support to these behaviors were rejected. However, within the movement itself there are different points of view. Most scholars of the phenomenon of exclusion suffered by LGBTTI people, practiced by religious, understand that this is a way of maintaining patriarchy and heteronormativity as a system of power. At another pole there are those who describe a kind of blindness on the part of feminists in denying the relevance of religion to the empowerment and liberation of religious women.

KEYWORDS: Gender, religion, empowerment.

1 | INTRODUÇÃO

Gênero e religião. Dois campos de estudo complexos que são referenciais para a vida em sociedade. A partir deles e do entendimento que cada pessoa os dá, é possível identificar quais valores são utilizados para vivenciar as diversas situações e desenvolver-se na vida. Assim como, proporcionam a possibilidade da revelação de qual compreensão de mundo possuem, seus desejos, seus medos, os aspectos emocional e psicológico, entre tantos outros que constituem a singularidade de cada ser humano.

Estes temas, pela magnitude e importância que possuem, têm sido motivo de grandes debates e reflexões por estudiosos da Filosofia, Sociologia, Antropologia, Psicologia, que buscam, cada um a partir de seu campo de pesquisa, identificar conflitos e caminhos viáveis para dirimi-los, proporcionando assim, possíveis construções para novas relações.

Pensando desta forma, há movimentos constituídos, por pessoas envolvidas, direta ou indiretamente, em situações constrangedoras, causadoras de sentimentos de menos valia, que sofrem discriminação, intolerância, agressões verbal e/ou física, entre outros dissabores; os grupos formados têm como objetivos acolher o sofrimento causado pelas atitudes citadas e apresentar algumas formas de enfrentamento e empoderamento.

Apesar de ser um tema diretamente associado ao desenvolvimento e convívio do ser humano em sociedade, pouco se escreveu sobre a relação gênero e religião.

Estudar este tema é no mínimo instigante. Leva-nos a refletir sobre as possibilidades de estar e ser no mundo, levando em consideração esses marcadores, como pilares da construção do ser humano, enquanto ser biopsicossociocultural.

Como se dá a relação gênero/religião em sentido macro/micro?

Este estudo buscou contribuir com diferentes entendimentos, no intuito de auxiliar de alguma forma, a ciência em sua busca de melhor compreensão do ser humano, respeitando as inúmeras singularidades.

A autora Eisler (2008), mostra-nos em sua obra “O Cálice e a Espada: nossa História nosso futuro”, alguns ‘como’ e ‘porque’ o poder feminino foi negligenciado. Quais os interesses e os interessados em que isso ocorresse, e ainda ocorra. Descreve como a cultura ocidental vivencia uma relação conflituosa entre gênero e religião.

Dalgarrondo (2008) busca demonstrar como se dá a religiosidade associada a grupos etários, gênero, sexualidade e personalidade. Descreve pesquisas realizadas por outros autores e seus achados, com o objetivo de auxiliar na compreensão dessas relações.

Os estudos dedicados ao presente tema são escassos, e em sua maioria tendem a desenvolver a visão da religião como poder alienante em relação às questões de gênero. Nunes (2015) defende a ideia da não polarização, nos propondo refletir, de modo a não tender para sub ou superestimar a religião e seu papel.

Desta forma, abre-se a possibilidade da religião ser vista como um caminho para o empoderamento feminino dentro das estruturas hierárquicas religiosas (SARDENBERG, 2015).

Dito isto, este trabalho teve como proposta levantar pensamentos de diferentes autores e as teorias desenvolvidas com enfoques diferenciados sobre o tema. Além de analisar e confrontar a bibliografia utilizada, buscando proporcionar reflexões, capazes de auxiliar na construção de uma nova forma de ver o outro, de modo a proporcionar mais compreensão e menos discriminação.

Para alcançar tais interesses, a pesquisa bibliográfica foi utilizada como método. Considerando que na atualidade, para além das fontes tradicionais, também é possível obtê-las no campo virtual.

2 | GÊNERO

Para proporcionar o entendimento do que vem a ser gênero, Scott (1995) o descreveu como um marcador social, onde as relações de poder são estabelecidas a partir das diferenças percebidas entre os sexos. Para isso, levou em consideração a relação entre determinados elementos, como: simbólico, normativo, institucional e identidade subjetiva. Os quais argumentou que não operam em simultaneidade, mas necessariamente entrelaçados. Acrescentou, então, que gênero é uma forma constante de possibilitar a significação do poder no ocidente, mais diretamente nas tradições judaico-cristãs e islâmicas. Colocou, ainda, que este não é o único campo em que o poder é articulado.

Corroborando este entendimento sobre gênero, Rocha (2008) nos diz que podemos diferenciar sexo de gênero quando entendemos aquele como identidade biológica-genética, e este como uma identidade construída, adquirida e designada culturalmente, através das diversas formas em que cada sexo pode e deve expressar-se, sentir e desenvolver-se.

Como tema complexo que é, Azerêdo (2010) enfatiza que no momento em que se busca conceituar gênero, quase sempre isto implica encrenca, coloca-se contra a atitude de domesticá-lo, ou seja, colocá-lo em lugar do que já é conhecido. Sugere que se leve em consideração o processo de individuação inerente a cada ser, assim como também a esfera política em que está inserido.

Ramires (2008) explica que apesar de gênero e sexualidade estarem imbricados, necessária se faz uma distinção entre as duas categorias. Refere-se à sexualidade como algo que todo ser humano possui, ou seja, um corpo sexuado, como herança genética. Trata-se de uma energia que direciona as pessoas durante sua existência, desde o nascimento, contribuindo para o desenvolvimento de suas relações social, familiar, afetiva e erótica. Entende que a sexualidade não deve ter como único objetivo a procriação. Defende a ideia de que também deve ser entendida como fonte de prazer.

Percebemos, então, que este marcador social pode ser estudado e compreendido por diversos enfoques e diferentes perspectivas, as quais comprovam sua complexidade. De tal sorte que inexistente propositura hegemônica.

3 | RELIGIÃO

Dentre tantas definições de religião, Rocha (2008) nos fala como algo que pode nos trazer força, capacitando-nos a inovar nossos comportamentos e superar possíveis situações difíceis e obstáculos, ou seja, como uma espécie de suporte. Além de reforçar normas, impor controles e modos de homens e mulheres desenvolverem suas vidas.

Para complementar o que vem a ser religião, Alves (2012) refere-se a algo que é capaz de falar sobre o sentido da vida, enfatiza o valor desta e a possibilidade da felicidade, trazendo em seus ensinamentos regras e caminhos para alcançar este objetivo. Seria este o principal motivo para que a fascinação por ela se perpetue desde o início da formação de grupos humanos, os quais são descritos como as primeiras sociedades, estendendo-se até a contemporaneidade.

Ainda segundo este autor, a ciência, como outro pilar de nossa construção, nos remete a um mundo em formato glacial e mecânico, onde as significações humanas e o amor não são levados em consideração para elaboração de possíveis respostas às dúvidas que trazemos: quem somos, de onde viemos, para aonde vamos, qual sentido da vida.

Mol (1976, *apud* DALGALARRONDO, 2008) nos fala de outra forma, da importância psicossocial da religião. Defende que esta tanto fornece maneiras aceitáveis para a vida e seus conflitos entre pecado e salvação, como também proporciona sustentação identitária, principalmente para as pessoas menos favorecidas e excluídas na sociedade.

A partir das diferentes compreensões apresentadas, podemos acrescentar a existência de pluralidade religiosa na contemporaneidade, nos levando a refletir sobre sua importância como pilar social.

4 | ENTRELAÇAMENTO DOS MARCADORES RELIGIÃO E GÊNERO

A religião judaica, ao separar-se das religiões politeístas, passa a dispor de modo diverso a respeito de sexualidade e de amor, excluindo mitos e ritos sexuais. Por tornar-se monoteísta, associa à imagem de Deus o masculino, consequentemente determina o

distanciamento entre a mulher e o divino, tornando concreta sua submissão (LIMA, 2010 *apud* TIRADENTES, 2016).

Entendendo esses posicionamentos e vivências como construção social, Eisler (2008) nos remete a uma parte da história da humanidade, na qual descreve que ao se realizar uma leitura da Bíblia judaico-cristã, é possível encontrar evidências de determinada ordem social escrita e mantida, ao longo de muitos séculos, na qual havia a imposição de regras geradoras de um sistema de dominação econômica e social exercido pelo homem. As leis que compunham o Antigo Testamento colocam as mulheres como propriedade privada do homem. Primeiramente ao pai, em seguida do marido ou senhor.

Ainda segundo esta autora, apesar da postura adotada, entende que de modo algum, deve-se pensar que a religião dos antigos hebreus ou mesmo o judaísmo são responsáveis pela imposição de uma ideologia de dominação.

Acrescenta, Tiradentes (2016) que em leituras realizadas sobre o catolicismo, o qual possui como base de sustentação de seus dogmas, o cristianismo, percebe-se que este incorporou muito dos preceitos judaicos, trazendo para o Novo Testamento imposições como parâmetros morais para a convivência social. Aderiu à proibição de relações homossexuais, já que esta não tem como finalidade a procriação, passa a ser vista, portanto, como desviante e nociva; tornou natural a submissão da mulher ao homem, assim como as relações heterossexuais monogâmicas.

Eisler (2008) ao reportar-se ao Novo Testamento, coloca que a leitura sobre Maria Madalena é capaz de demonstrar que esta ao agir como prostituta, realizou a violação da lei androcática fundamental de submissão sexual ao marido ou senhor. Argumenta que há evidências, que Maria Madalena tornou-se líder, em seguida à morte de Jesus, do que veio a ser chamado de movimento cristão inicial. Acredita que as duas personalidades comungavam de valores mais femininos, substituindo dominação e desigualdade, referenciadas como valores masculinos, por compaixão, responsabilidade e amor. Demonstrando que a diferença entre feminino e masculino já se fazia presente naquele momento da História.

Nesse sentido, buscando entender como se dá a manutenção desses valores fortemente associados à religiosidade, e ainda entendidos como pertencentes, em sua grande maioria, às mulheres, Dalgalarrodo (2008) aponta-nos como possibilidade os processos de socialização das meninas e os papéis direcionados às mulheres. Isso justificaria a forma diferenciada para a criação, pois As meninas de uma forma geral, seriam educadas para serem mais passíveis e submissas, para exercerem atividades gerais, mas principalmente, para cuidar e educar. Por conseguinte, ao tornarem-se adultas, e encontrarem-se na função materna, transmitiriam os mesmos valores morais aos seus filhos, perpetuando a diferenciação entre direitos e deveres, atitudes e posturas vivenciadas por mulheres e homens.

Em contrapartida, estudo realizado por Thompson (1991, *apud* DALGALARRONDO, 2008) no qual foi utilizada a escala de feminilidade/masculinidade, foi possível constatar que as pessoas que obtiveram maior escore com a feminilidade, também têm maior religiosidade, independente de gênero. Demonstrando que apesar de alguns valores, como o citado, serem associados ao que se entende por gênero feminino, não devem ser determinantes, nem excludentes. Justificando desse modo, o posicionamento de alguns estudiosos ao descreverem a religiosidade como inerente ao ser humano.

Os paradigmas de gênero e suas implicações, não só na esfera religiosa, mas na sociedade, enquanto lugar de construção de identidade, começam a ser questionados e refletidos, com maior completude e visibilidade, a partir do movimento feminista. Os membros desse movimento observaram que as diferenças sexuais traziam desigualdade entre homens e mulheres, quando utilizado como base o componente biológico e seus respectivos papéis, ou seja, referências do que é ser homem e do que é ser mulher, designando assim direitos e poderes diferenciados. (RAMIRES, 2008).

Embora alguns posicionamentos do protestantismo sejam semelhantes ao catolicismo, por possuírem a mesma essência religiosa, ou seja, o cristianismo, divergem em seus argumentos quanto às justificativas para o posicionamento de rejeição ao comportamento sexual homoafetivo. Desta forma, é vista como obra do inimigo, uma atitude pecaminosa assessorada pelo demônio. Esta lógica justifica sua reprovação, necessitando inclusive, da expurgação de todo e qualquer vestígio de entidades espirituais demoníacas, além da orientação para o total abandono das práticas homossexuais (TIRADENTES, 2016).

Esta mesma autora, aponta o catolicismo como uma religião dominante no ocidente, que pretendeu através de seus dogmas, impor certos costumes e regras para organização da sociedade, nos quais a diversidade inerente aos seres humanos não poderia fazer parte. A justificativa deste posicionamento por parte dos membros desta religião se dá pelo fato de entenderem que a homossexualidade vai de encontro ao seu código de conduta moral, colocando em risco o bom comportamento social. Neste sentido, a homossexualidade é vista como comportamento nefasto para a sociedade.

Depois de expostas algumas colocações sobre os marcadores, Nunes (2015) ao colocar-se na discussão deste tema, descreve a necessidade da religião não ser estudada a partir de extremos. De um lado a superestimação da religião, como o fator principal e único na vida da mulher, e desta forma, a pessoa religiosa passa a ser vista como um ser alienado e necessitado de libertação. Sob este prisma, a submissão da mulher está diretamente ligada à religião como instituição e dogma. Esse tipo de visão a respeito das mulheres religiosas é descrita pela autora como excessivamente superficial, e em alguns momentos negativa.

Em contra partida a este entendimento, a mesma autora, nos diz que a religião não é vista/analísada/considerada como um fator (multifacetado) na vida das mulheres.

Ou seja, não é capaz de proporcionar empoderamento, sustento e consolo. É vista de modo subestimado. Porém, apenas como referencial, é sabido que as primeiras feministas, motivadas por fé em um deus que fosse capaz de trazer igualdade e liberdade para os seres humanos, enxergaram na religião um caminho para alcançar seus ideais.

Por isso, a autora entende que existe uma espécie de cegueira por parte das feministas da atualidade, ao não se aperceberem que em determinado momento, algumas mulheres que comungavam dos mesmos objetivos, enquanto movimento libertador e conscientizador, utilizaram-se da religião, apesar da necessidade de enfrentamento de sexismo e da misoginia. Defende que a secularização não é um caminho seguro para a obtenção daqueles ideais. Sugere que deve haver uma visão realista, capaz de considerar tanto o peso do sexismo religioso-teológico como a longa história de lutas contra ele. Lutas registradas na história das mulheres e feministas religiosas.

Pensando dessa forma, Leonardi (2015) propõe uma reflexão: o que dizer, então, a respeito de mulheres que, apesar de serem religiosas, também ocupam altos cargos em empresas? Para aquelas, a religião pode representar um espaço de emancipação e reflexão, que de alguma forma auxilia na busca pela conquista da autonomia sobre sua vida.

O mesmo autor sugere que sejam desenvolvidas mais pesquisas que abordem a relação entre o grau de pertencimento a uma religião e sua presença em empresas. Assim como, até que ponto uma religião pode influenciar, diferenciando e distinguindo pessoas e cargos.

Mas, o que é entendido como empoderamento? Sardenberg (2015) o descreve como um processo, capaz de levar a conquista de autonomia e autodeterminação, no plano individual. E em este ocorrendo, provoca aumento de força política e social das mulheres, enquanto grupo desfavorecido de poder. Por isso é visto não apenas como um fim em si mesmo, mas também como um instrumento/meio. Como força de empoderamento, de conscientização da necessidade de algumas mudanças, esta autora cita tanto as ativistas feministas quanto a Igreja Católica, na perspectiva da teologia da libertação.

Observa que de modo geral, as mulheres participam das funções paroquiais, proporcionando sentimentos de pertença e relevância neste contexto, mas ainda sem direito ao sacerdócio e às instâncias decisórias.

Nas igrejas neopentecostais, há algumas diferenças. As mulheres estão participando, não apenas em número, mas também na estrutura hierárquica, com destaque para a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), mesmo que seja com um pastorado subalterno. Apesar disso, Machado (2005, *apud* Sardenberg, 2015) nos diz que as lideranças das religiões evangélicas não estão afinadas com o feminismo. O objetivo dessas mulheres, enquanto militantes políticas, refere-se à manutenção das estruturas patriarcais, obtidas a partir de candidatos às eleições, os quais são ligados à fé evangélica. Ou seja, embora a participação das mulheres em diferentes religiões ocorra, não há efetivamente mudanças

no que se refere a direitos civis, sociais ou políticos capazes de beneficiá-las de alguma forma.

Ao realizar o deslocamento da esfera individual para a esfera política, Vaggione (2015) corrobora com o pensamento acima e nos fala sobre a influência do que se entende por religioso, como um dos pilares de construção cultural e política, e como responsável pela manutenção do patriarcado e a heteronormatividade como sistemas de poder. Desta forma, percebe que este é um dos motivos pelos quais, no movimento feminista, há certa aceitação da teoria da secularização, já que esta defende que as religiões devam ser retiradas do campo político.

Sendo assim, na busca da manutenção de valores como o patriarcado e todos que de alguma forma corroboram, é possível identificar que algumas religiões dificultam o exercício da religiosidade. Isto fica explícito quando Duarte (2013) nos diz que a homossexualidade está envolta em uma espécie de tensão do catolicismo com a sexualidade, na qual contribuiu para o surgimento de discursos religiosos, que classificam homossexuais como pessoas inferiores moralmente, além de apontá-las como risco para a sociedade.

Descreve ainda, que em revisão realizada em estudos que possuem como tema a articulação entre homofobia e religião, enquanto marcadores, é visível a existência de crenças e discursos cristãos conservadores como discriminatórios e excludentes.

Este mesmo autor constata uma espécie de complexificação deste cenário social ao identificar, como forma encontrada para enfrentamento à rejeição religiosa, direcionada à diversidade sexual, como grupos minoritários, a criação das igrejas inclusivas.

5 | CONSIDERAÇÕES

Ao finalizar esta pesquisa, a inquietação que o tema remete, potencializou-se. Proporcionaram reflexões profundas a partir de dados históricos, religiosos, culturais, psicológicos e biológicos.

A História revela que a possibilidade do ser humano agir de modo manipulador com a intenção de direcionar seus pares, sempre esteve presente. Esse “controle” ocorreu e ocorre, realizado quase sempre por uma minoria, que de alguma forma consegue manter-se no comando.

É preciso observar que a partir do nascimento, necessariamente todos estão inseridos em uma espécie de organização “imaginada” preexistente. Desta forma, na maioria das vezes, ocorre a necessidade de encaixe no contexto, o qual funciona como uma espécie de molde, onde a vida deve se desenrolar.

Foi perceptível entender que as Religiões contribuem para a construção e manutenção dessa organização “imaginada”. Através de seus dogmas, buscam direcionar o comportamento, inclusive no que se refere à hierarquia de gênero, ao sistema binário

e aos privilégios masculinos. Pregando a partir da referência divina, o patriarcado como sistema social, cultural e político.

Em contrapartida, não se pode negar as contribuições, para alguns, no auxílio da conquista e manutenção da integridade psíquica.

Como já mencionado anteriormente, houve épocas em que a mulher era vista como propriedade masculina. Quase que de modo cronológico, primeiramente o pai exercia essa posse, em seguida o marido ou irmão, confirmando a hegemonia do poder patriarcal.

Porém, não foram identificadas justificativas plausíveis para o que alguns pretendem defender como divisão natural entre masculino e feminino, e seus respectivos atributos. Pois, em sua maioria, não possuem base biológica, mas valores culturais, políticos e jurídicos, os quais são construídos socialmente.

É possível citar como exemplo, a capacidade de gerar outro ser humano, inquestionavelmente realizada pela mulher, podendo esta ser comprovada biologicamente como uma diferença real entre homem e mulher. Porém, este fato em si, não a impede ou limita a outras práticas, como: eleger e ser eleita, dirigir grandes empresas, frequentar universidades e ser referência acadêmica nas diversas áreas de estudo e pesquisa existentes, entre outras possibilidades.

Enfim, entende-se que os limites são estabelecidos e implantados na organização “imaginada”, pelos interessados na continuidade desta forma de sociedade.

Seguindo este raciocínio, é possível ser identificado que há, por parte dos religiosos cristãos, persistência em usar a heteronormatividade como único paradigma natural. Mas, o que poderia ser conceituado como “natural” e “não natural”?

O entendimento teológico do que vem a ser natural constituísse pelo entendimento de que Deus foi o criador da natureza e, por conseguinte, do corpo humano. Seus órgãos possuem propósitos determinados e previstos por Ele.

Caso haja o entendimento que o corpo humano, durante as últimas centenas de milhões de anos, não passou por modificações, subentendesse a afirmação que, enquanto espécie, não houve modificação ou não foi desenvolvida a capacidade de adaptação para que os órgãos pudessem ter outras formas de uso e outras funções.

Por exemplo, a boca, usada anteriormente para ingerir alimentos, com a evolução, passou a ser instrumento de comunicação, ou seja, de fala. De modo análogo, é possível a reflexão sobre a evolução da sexualidade, ao se reformular a ideia de que esta possui como única função “natural”, a procriação.

Nesse caso, voltasse para os papéis a serem desenvolvidos pelo homem e pela mulher, enquanto comportamento social, como desígnio cultural. Conseqüentemente, estariam implícitos o que viriam a representar ser masculino e feminino, ficando claro que esses paradigmas sofrem variações em épocas e culturas diferentes.

Esta visão corrobora a ideia de que o homem deve sentir-se atraído apenas por mulheres.

Os que comungam deste ponto de vista, não o entendem como preconceito cultural, mas como algo “naturalmente” biológico.

Podemos apontar que as religiões cristãs, através de seus discursos homofóbicos e preconceituosos em relação aos que não se enquadram ao referencial de “natural”, e por considerarem-se mediadoras na relação com Deus, findam por minar a autoestima e o contato genuíno com o numinoso, das pessoas que, enquanto seres humanos e desejosos de pertencimento a uma determinada fé, se vêm excluídos.

Necessário que haja maior interesse no desenvolvimento de pesquisas com este tema, objetivando o empoderamento das pessoas que se sentem, muitas vezes isoladas, acarretando sofrimento psíquico e impossibilitando que vivenciem sua singularidade existencial, entendendo que a relação com o Sagrado, muitas vezes também perpassa pela necessidade em responder as grandes inquietudes da vida.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **O que é religião**. 13. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

AZERÊDO, Sandra. Encrenca de gênero nas teorizações em psicologia. **Revistas Estudos Feministas**, Florianópolis, v.18, n.1, p.175-188, jan-abril, 2010.

DALGALARRONDO, Paulo. **Religião, Psicopatologia e Saúde Mental**. 1. ed. Porto Alegre: Editora Artmed, 2008.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. NATIVIDADE, Marcelo. Desejo à diferença – à guisa de prefácio. In: NATIVIDADE, Marcelo. **As novas guerras sexuais: diferença, poder religioso e identidades LGBT no Brasil**. 1. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2013. p. 7-15

EISLER, Riane. **O Cálice e a Espada: Nossa História, nosso Futuro**. 1. ed. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2008.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2010.

LEONARDI, Paula. Campo de estudos de gênero e religião: avanços, tensões e desafios. In: ROSADO, Maria José. **Gênero, feminismo e religião: Sobre um campo em constituição**. 1. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2015. p. 283-287.

RAMIRES, Lula. Anais de Conferência Nacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais – LGBT. **DIREITOS HUMANOS E POLÍTICAS PÚBLICAS: o caminho para garantir a cidadania LGBT**. Brasília – DF, 2008.

ROCHA, Maria José Pereira. Gênero e religião sob a ótica da redescritção. **Revista da Abordagem Gestáltica**. v. XIV, n. 1, p. 102-108, jun, 2008. Disponível em: pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v14n1/v14n1a15.pdf Acesso em: 13 jun. 2017.

SARDENBERG, Cecília M. B. Gênero, Religião e (des)empoderamento de mulheres: o caso de plataforma, Bahia. In: ROSADO, Maria José. **Gênero, feminismo e religião: Sobre um campo em constituição**. 1. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2015. p. 179-191.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n.2, p.71-99, jul/dez, 1995.

TIRADENTES, Adrielly Francine Rocha. **Direito, religião e orientação sexual**: os paradoxos ao reconhecimento da família homoafetiva. Pouso Alegre – MG: FDSM, 2016. Disponível em: <https://www.fdsm.edu.br/mestrado/arquivos/dissertacoes/2016/18.pdf> Acesso em: 17 jul. 2017.

VAGGIONE, Juan Marco. A religião e a política no tempo dos direitos sexuais e reprodutivos. . In: ROSADO, Maria José. **Gênero, feminismo e religião**: Sobre um campo em constituição. 1. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2015. p.71-74.

VOULA, Elina. Questões teóricas e metodológicas sobre gênero, feminismo e religião. In: ROSADO, Maria José. **Gênero, feminismo e religião**: Sobre um campo em constituição. 1. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2015. p. 39-49.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abordagem Emancipatória 90, 91, 93

Agentes 24, 34, 36, 56, 58, 62, 66, 67, 68

Alfabetização “Não-Escolar” 1, 4, 15

Aprendizagem 12, 13, 14, 18, 19, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 31, 53, 58, 60, 67, 85, 91, 92, 94, 96, 97, 99, 100, 139, 140

B

Burocracia de Médio Escalão 33, 35, 38, 39, 40, 41, 42, 50, 51, 54, 55

C

Carreira Militar 116, 120, 121

CBAI 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68

Compartilhamento 69, 71, 73, 74, 76, 96, 99

Conhecimento 5, 7, 8, 11, 12, 14, 15, 20, 23, 24, 26, 28, 29, 30, 32, 35, 38, 40, 44, 45, 46, 47, 50, 52, 63, 66, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 78, 79, 83, 88, 93, 97, 103, 118, 122, 135, 140, 142, 143, 145, 147, 156, 160, 161, 177, 181, 186, 189, 191, 200

Coordenação 18, 19, 21, 30, 31, 41, 42, 61, 72, 73, 82, 133

D

Desenvolvimento 4, 14, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 34, 39, 40, 48, 50, 52, 57, 60, 69, 71, 74, 76, 77, 78, 84, 86, 91, 92, 94, 96, 99, 102, 103, 115, 120, 129, 136, 137, 139, 142, 145, 147, 153, 156, 160, 161, 164, 166, 167, 169, 175, 179

E

Economia 4.0 77, 78, 85, 86, 87

Educação 1, 2, 5, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 38, 39, 42, 45, 53, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 77, 90, 92, 93, 99, 100, 101, 102, 103, 113, 114, 149, 158, 176, 191, 192, 215

Educação Física Escolar 101

Educação Infantil 18, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32

Educação Profissional 42, 52, 67, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87

Educação Sexual 90, 91, 92, 93, 98, 99, 100, 157

Empoderamento 84, 120, 166, 167, 168, 172, 175

Ensino Industrial 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68

Epistemologia Qualitativa 90, 93

F

Forças Armadas 116, 117, 121, 122, 123, 124, 125, 127, 128, 129, 130

G

Gênero 3, 91, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 112, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 123, 125, 128, 129, 130, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 156, 158, 160, 164, 166, 167, 168, 169, 171, 173, 175, 176, 215

Gerações 62, 131, 132, 133, 136, 138, 140, 141, 143, 144, 145, 146, 148, 164, 195

Gerentes 55, 131, 132, 133, 135, 137, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146

Gilbert Durand 184, 185, 189, 190, 191

H

Homossexualidade 104, 153, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 171, 173

I

Iconoclastia 184, 185, 186, 189, 190, 191

Identidade Profissional 131, 132, 134, 135, 140, 141, 145

IFES 33, 34, 35, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 50, 51, 52, 53

Igualdade de Gênero 116, 125

Imaginário 184, 185, 188, 189, 190, 191

Implementação 14, 25, 33, 34, 35, 37, 38, 39, 40, 41, 45, 46, 47, 48, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 69, 147, 155

L

Lutas Identitárias 159

M

Migrantes 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15

Modernidade 16, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 86, 87, 88, 89, 160, 163, 189, 190, 193, 195, 198, 203

Mulheres 3, 5, 20, 22, 91, 102, 103, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 137, 138, 140, 143, 144, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 162, 166, 169, 170, 171, 172, 174, 175, 205, 208, 211

N

Narrativas 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 27, 55, 189

O

Organização 1, 4, 5, 8, 12, 19, 22, 24, 25, 26, 29, 32, 39, 46, 60, 61, 67, 69, 71, 72, 73, 74,

75, 79, 88, 122, 130, 133, 134, 135, 139, 142, 143, 144, 145, 171, 173, 174, 179

P

Política Pública 33, 34, 35, 36, 37, 38, 40, 41, 45, 54, 156

R

Raízes Pré-Históricas 159

Reconhecimento 8, 14, 21, 38, 98, 103, 113, 122, 150, 153, 154, 159, 165, 176, 183

Relação 1, 2, 3, 5, 6, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 18, 20, 24, 29, 35, 37, 46, 51, 60, 71, 77, 78, 80, 81, 82, 85, 86, 87, 90, 91, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 118, 119, 138, 140, 142, 143, 145, 154, 155, 157, 159, 162, 166, 167, 168, 172, 175, 178, 179, 180, 189, 192, 193, 194, 196, 198, 199, 201, 202, 212, 213

Religião 134, 151, 162, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 175, 176, 184, 185, 186, 190, 191, 198, 200, 201, 202, 204

S

Saúde 11, 21, 28, 54, 55, 58, 62, 100, 102, 113, 122, 125, 147, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 175, 179, 207, 208

Sexualidade 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 113, 114, 115, 119, 121, 129, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 157, 158, 160, 161, 162, 163, 164, 168, 169, 173, 174, 181

T

Tecnologia 45, 70, 72, 73, 74, 77, 78, 80, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 137, 147, 150



EPISTEMOLOGIA E METODOLOGIA DA PESQUISA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 



EPISTEMOLOGIA E METODOLOGIA DA PESQUISA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS 2



www.atenaeditora.com.br 
contato@atenaeditora.com.br 
[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 
www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

